

A TIBIEZA

FRANCISCO FERNÁNDEZ-CARVAJAL

A TIBIEZA

COMO
COMBATER A
INDIFERENÇA

2ª edição

Tradução
Rafael Guedes



QUADRANTE

Título original
Donde duerme la ilusión: La tibieza

Copyright © Ediciones Palabra S.A

Capa
Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Carvajal, Francisco Fernández-.

A tibieza / Francisco Fernández-Carvajal; tradução de Rafael Guedes - 2ª ed. - São Paulo, SP: Quadrante Editora, 2026.

ISBN 978-85-7465-442-3

1. Espiritualidade cristã. 2. Vida interior. 3. Meditação. 4. Teologia ascética. I. Título.

CDD 248.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Vida cristã : Cristianismo 248.4

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: (11) 3873-2270
01252-020 - São Paulo-SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

Sumário

- 7 Prólogo
- 9 Criados para a felicidade
- 21 Seguir a Jesus
- 33 Míopes e “cansados”: a tibieza
- 43 Quando tudo custa
- 61 Busco a tua face
- 79 O amor e as pequenas coisas
- 95 O caminho amplo
- 107 Com a luz da fé
- 119 O pecado venial e a tibieza
- 135 As “filhas” da tibieza
- 151 O amor de Deus e os outros
- 165 Quem nos conserta?
- 179 O rescaldo

Prólogo

Cada livro tem a sua pequena história. Este nasceu de uma meditação desenvolvida durante alguns dias de retiro espiritual. Apareceu mais tarde, ampliado, sob o título *A tibieza*. Corria o ano de 1978. Desde então, chegou à sua décima segunda edição.

Agora, depois de tê-lo atualizado a fundo, contribuindo para isso a experiência de não poucos anos, aparece com novo nome: *Onde dorme a ilusão*. Essa doença do amor adormece os ideais do cristão. E encontra-se aí, próxima, escondida, sempre à espreita daquela vida de dedicação inicial, tentando destruir, ou pelo menos entorpecer, o alegre seguimento de Jesus.

A tibieza é precisamente o grande inimigo oculto desse amor, ao qual envelhece e destrói, ainda que, em certas ocasiões, sobretudo no início, mal se perceba. Assemelha-se àquelas doenças silenciosas que se

espalham pouco a pouco por todo o organismo, e quem dela padece não se dá conta de sua situação até que se encontre invadido pela enfermidade. Pode-se aplicar à tibia aqueles versos do poeta italiano ao descrever um soldado mortalmente ferido: *estava caminhando e estava morto*.

Procurei deixar transparecer nestas páginas a alegria incomparável — não há outra semelhante — que brota em quem segue Cristo, bem como a tristeza do coração adormecido que esqueceu — ou está prestes a esquecer — como se ama. Mas, ao fim e ao cabo, essa doença do amor pode ter cura, uma vez que temos um bom Médico: o próprio Jesus Cristo, que está sempre pronto a nos dar a mão.

Criados para a felicidade

Os substitutos

Chegava ao fim a cerimônia de casamento em que um homem e uma mulher se comprometiam para sempre. O pároco despedia os recém-casados com estas palavras, ou outras parecidas: “Que o Senhor esteja sempre convosco, que sejam muito felizes.” Talvez, no fim das contas, trate-se de um mesmo desejo: estar com o Senhor e ser feliz é uma mesma realidade. São Josemaria Escrivá afirmava que a “angústia e a tristeza se opõem completamente à própria essência de Deus, que é a felicidade no mais alto grau”. E aconselhava: “Se estiverdes cansados, dizei-o ao Senhor; se encontrardes dificuldades de peso, deixai-as nas mãos do Senhor. Mas, insisto, evitai que alguém possa concluir, pela vossa atitude pessoal, que o jugo do Mestre não é

suave, não é de amor”¹. Estaríamos enganando-o com o nosso comportamento maldoso.

Poucas realidades são tão desejáveis entre nós como esta da felicidade. Expressões como “felicidades”, “que sejam felizes”, são encontradas em todos os idiomas e lugares da Terra. Essas fórmulas expressam o desejo de algo profundo e muito valioso, algo essencial para o outro.

10

Poucas coisas também são tão pouco alcançadas, ainda que sejam adicionados aqueles ingredientes que a nós, homens, nos parecem necessários para alcançá-la: talvez a saúde, o dinheiro, o amor, o sucesso, o prestígio diante dos outros... No entanto, a felicidade, tal como deseja o nosso coração, é algo que, se não tomarmos cuidado, pode ficar para um futuro indeterminado, cada vez mais distante, que nos escapa com o passar dos anos.

Parece-nos que essas palavras — felicidade, alegria, gozo, paz etc. — expressam realidades semelhantes a moedas raras de colecionador: são de grande valor, mas difíceis de encontrar. Quanto não daríamos por um mês, um dia ou, pelo menos, uma tarde de alegria verdadeira, de amor autêntico, tal como pede o nosso coração!

Conta-se que, com a morte de Abderramão III, foi encontrado um bilhete escrito pelo próprio califa, que

¹ Cf. J. Echevarría, *Recordações sobre Mons. Escrivá*. São Paulo, Quadrante, 2017, p. 20.

dizia: *tive tudo o que um homem pode desejar neste mundo: vivi 75 anos, reinei por 50... fui feliz nove dias.*

O desejo de felicidade é tão grande e tão intenso em todos os homens que não pode ser satisfeito de todo aqui na Terra: “é de origem divina. Deus o colocou no coração do homem com o objetivo de atraí-lo para Ele, o único que pode satisfazê-lo”². São bem conhecidas as palavras que Santo Agostinho deixou escritas: “Fizeste-nos, Senhor, para ti, e o nosso coração estará inquieto enquanto não repousar em ti”³. Nenhuma outra coisa poderá preenchê-lo. De um modo ou de outro, todos os homens e todas as mulheres, não raro por caminhos equivocados, buscam ser felizes.

Muitos homens se tornaram céticos e duvidaram de que exista algo que satisfaça os desejos de seu coração. Por isso inventaram substitutos que trazem na etiqueta: “com sabor de...” Deram-lhes nomes que não lhes correspondem: chamaram a tranquilidade de paz; o prazer de amor... A felicidade, tal como pede o nosso coração, deram-na quase por impossível. No entanto, ela existe e está no horizonte de toda pessoa de boa vontade. Muitos não a alcançam, não importa quantos anos vivam, porque a buscam onde não está: no conforto, no dinheiro, no desejo de domínio, no prazer, como

2 Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 1718 (doravante: CIC.).

3 Santo Agostinho, *Confissões*, São Paulo, Penguin/ Companhia das Letras, 2017, I, 1, 1.

se estivéssemos buscando pedras preciosas em um bazar de bijuteria barata.

Certa vez, entrevistavam no rádio um bom escritor, já de idade. Perguntaram-lhe se acreditava no progresso. E esse conhecido literato, que morava havia anos em uma casa no campo, respondeu que todas as manhãs ia à janela e via uma colheitadeira, um trator e outra máquina que não sabia muito bem para que servia. “Como eu não vou acreditar no progresso se vejo todos os anos que as colheitas, antes feitas com grandes esforços ao longo de dois meses, agora são concluídas com grande facilidade em uma ou duas semanas?” Mas acrescentava: “Esse é um progresso que aquece e que enche o estômago, mas *deixa frio e vazio o coração*”.

12

Porque o progresso verdadeiramente humano é outra coisa; é o progresso do homem, de sua realidade total como pessoa. O progresso técnico, ainda que aumente o conforto, não passará de um *substituto* se não for acompanhado de um verdadeiro progresso interior, se não enriquecer a alma.

A felicidade verdadeira nos leva, em primeiro lugar, a “purificar o nosso coração de seus maus instintos e a buscar o amor de Deus acima de tudo. Ensina-nos que a verdadeira felicidade não reside nem na riqueza ou no bem-estar, nem na glória humana ou no poder, nem em nenhuma obra humana, por mais útil que seja, como as ciências, as técnicas e as artes, nem em nenhuma

criatura, mas somente em Deus, fonte de todo bem e de todo amor”⁴. Somente nele.

Já em sua época, o cardeal Newman afirmava que o dinheiro era o ídolo de seu tempo. Na verdade, trata-se de um ídolo de todos os tempos. “A ele — dizia — rende homenagem ‘instintiva’ a multidão, a massa dos homens. Estes medem a felicidade de acordo com a fortuna, e também de acordo com a fortuna medem a honra... Isso se deve à convicção de que, com a riqueza, tudo é possível. A riqueza, portanto, é um dos ídolos de nossos dias, e a fama é outro... A notoriedade, ser reconhecido e fazer nome no mundo (o que se poderia chamar de *fama midiática*), chegou a ser considerado um bem em si mesmo, um bem soberano, um objeto de verdadeira veneração”⁵. No fim das contas a riqueza, o sucesso e a notoriedade, por si mesmos, também deixam *frio e vazio o coração*.

A alegria e a paz verdadeiras, que satisfazem o peito, encontram-se somente em Deus. Fora dele não as encontraremos. Fomos feitos *por e para* Deus, e caminhamos para Ele. Esta é uma verdade essencial para compreender o homem em toda a profundidade de seu ser.

Em certa ocasião, o Senhor se dirigiu a seus discípulos e lhes disse: “Bem-aventurados os vossos olhos,

4 CIC., n. 1723.

5 J. H. Newman, *Sobre a santidade*, citado em CIC., n. 1723.

porque veem! Ditosos os vossos ouvidos, porque ouvem!” (Mt 13, 16). Ele os chama ditosos, felizes, afortunados, e lhes diz o motivo de sua felicidade: não é porque serão ricos e poderosos, ou invulneráveis à dor, ao fracasso, à doença e às dificuldades. Serão felizes, estarão alegres, não “porque tudo lhes correrá bem”, o que às vezes dá errado, mas porque os seus olhos veem e os seus ouvidos ouvem o que tantos homens esperaram ver e ouvir. São ditosos porque estão abertos à fé, a Cristo. A proximidade de Cristo será o motor, a fonte de sua felicidade, essa que o mundo não poderá tirar jamais: nem o mundo, nem as dificuldades, nem os fracassos. Trata-se de uma felicidade e de uma paz muito profundas, que não podem ser compradas com bens materiais, mas apenas com o desprendimento em relação a eles, que não devem ser utilizados somente como instrumentos, sem que nunca se coloque neles o coração como um fim em si mesmos, um bem absoluto.

Em busca da felicidade

A alegria — afirma São Tomás — é o primeiro efeito do amor e, portanto, o primeiro fruto da devoção⁶. Poder-se-ia dizer que há tantas classes de alegria como classes

⁶ Cf. São Tomás de Aquino, *Suma teológica*, 2-2, q. 28, a. 4.

de amor; a alegria de quem ama uma boa comida é bem distinta da alegria de quem acaba de se apaixonar. Digame onde está a sua alegria, poder-se-ia dizer, e eu lhe direi onde está o seu amor, onde tem colocado o seu coração.

A alegria de amar a Deus não tem comparação com nenhuma outra na Terra: “não é essa que poderíamos chamar fisiológica, de animal sadio”, que é boa, mas pequena para um filho de Deus, “mas outra, sobrenatural, que procede de abandonar tudo e te abandonares a ti mesmo nos braços amorosos do nosso Pai-Deus”⁷. O cristão é alegre porque a essência de sua vida é amar e, de maneira especial, amar a Deus — pelo menos procurar amá-LO e sentir-se querido por Ele. *Amare et amari! Amar e ser amado*, exclamava Santo Agostinho. É inconcebível que um verdadeiro cristão viva a sua fé sem alegria, sem um humor alegre e sereno próprio dos filhos de Deus. Seguir de perto a Cristo, amá-LO e sentir-se amado por Ele, é uma verdadeira alegria. “Como estou feliz por te seguir!”, deveríamos dizer ao Senhor muitas vezes ao dia.

A alegria verdadeira é experimentada por todos os que se encontraram com o Mestre nas situações e circunstâncias mais diversas e souberam ser coerentes. *Por que não o prenderam?*, perguntou o chefe da guarda do Templo àqueles que possivelmente buscavam a

7 São Josemaria Escrivá, *Caminho*, n. 659.

prisão de Cristo por desobediência. “Jamais homem algum — disseram — falou como esse homem” (Jo 7, 46); nunca tinham ouvido nada parecido nem na Lei, nem nos profetas, nem nas explicações de seus mestres. Ou ainda a alegria de Pedro no Tabor: “Mestre, é bom para nós estarmos aqui!” (Mc 9, 5). Ou o imenso gozo dos magos ao encontrar de novo a estrela que os conduzia ao Menino Jesus (Mt 2, 10): alegraram-se *cum gaudium valde magnum*, com uma imensa alegria. Ou a satisfação do velho Simeão: “Agora, Senhor, deixai o vosso servo ir em paz, segundo a vossa palavra. Porque os meus olhos viram a vossa salvação” (Lc 2, 29-30). Ou a surpresa daqueles que caminhavam a Emaús e levavam na alma, antes do encontro com Cristo caminhante, um profundo desalento (cf. Lc 24). Depois parece que ganharam asas nos pés para voltarem a Jerusalém e anunciarem a todos que tinham visto o Mestre, que vive! Ou a daquele jovem que, em um rompante de generosidade, disse a Jesus: “Mestre, te seguirei por onde quer que vás! Deixo tudo por ti!” Com que alegria escutaria o Senhor essas palavras! Com que alegria as escuta hoje!

São Paulo, precisamente no momento em que relata os padecimentos que está sofrendo por causa da fé, declara abertamente: “Estou cheio de consolação, transbordo de gozo em todas as nossas tribulações” (2 Cor 7, 4). Em outro lugar, explica a razão desse gozo, que lhe acompanhou, inclusive, em meio às maiores

dificuldades e sofrimentos: “Sei em quem pus minha confiança” (2 Tm 1, 12). Jesus é a sua rocha, a sua fortaleza, onde encontra a razão de seu existir.

E, entre todas as alegrias, a de Maria: “Minha alma glorifica ao Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador” (Lc 1, 46). Nunca houve sobre a Terra um coração mais alegre, mais entregue.

Nos relatos da Ressurreição, nota-se em todos os discípulos um gozo especial. Trata-se de uma alegria que levarão para sempre na alma, apesar das dificuldades e perseguições. É o cumprimento das promessas que lhes fizera o Senhor na Última Ceia: “E o vosso coração se alegrará, e ninguém vos tirará a vossa alegria” (Jo 16, 22). Ninguém — nenhuma circunstância, nenhum acontecimento. Somente o pecado.

Cada vez que o Senhor aparece a seus discípulos nos dias seguintes à Ressurreição, os escritores sagrados nos deixaram o mesmo registro: “Os discípulos se alegraram ao ver o Senhor” (Jo 20, 20). A sua alegria não depende do estado de espírito, nem de sua saúde, nem de nenhuma outra causa humana, mas de ter visto o Senhor, de ter estado com Ele. O mesmo ocorre na Anunciação à Virgem. O Anjo disse a Maria: “Alegra-te, cheia de graça”, e em seguida expôs-lhe o motivo: “porque o Senhor é contigo” (Lc 1, 28).

A proximidade de Deus é o motivo desse alegria profunda, desse gozo incomparável. Não estamos alegres porque as coisas vão bem, mas porque temos ao

Senhor e nos sentimos acolhidos por Ele. Esse é o segredo da alegria do cristão.

Nós estamos alegres, em definitivo, quando o Senhor se faz presente em nossa vida, quando não o perdemos, quando os nossos olhos não se embaçam pela tibieza e pela falta de generosidade.

Quando, para encontrar a felicidade, ensaiam-se outros caminhos fora de Deus, ao final só se encontram solidão e tristeza. A experiência de todos os que, de uma forma ou outra, viram o rosto para outro lado a fim de não ver a Deus é sempre a mesma: terminam por descobrir que longe do Senhor não há felicidade. Tudo é escuro e triste longe dEle. Com frequência, não demoram muito para comprová-lo, como aconteceu ao filho pródigo da parábola.

18

Por outro lado, cada passo que damos em direção ao Senhor é um passo em direção à plenitude, em direção ao amor. O Senhor é a pedra preciosa e o tesouro escondido de que nos fala o Evangelho (cf. Mt 13, 44-45). Encontrar a Cristo, bem como tornar a encontrá-lo caso O tenhamos perdido, traz uma alegria profunda e sempre nova. Em comparação com Ele, nenhuma outra coisa merece ser levada em conta. Todos os esforços, sacrifícios e humilhações na tentativa de encontrá-lo parecerão pequenos.

Contava-me um amigo, então estudante de arquitetura, sobre o dia em que saíram da sala de aula para fazer desenhos em um parque de Madri. O professor,

já de idade, aproximou-se para corrigir a sua postura. Era a primeira vez que se dirigia pessoalmente a ele. Posicionou-O de tal forma que a vista, o grande caderno de desenho e o objeto a ser desenhado ficassem em uma mesma direção. O professor lhe disse apenas estas poucas palavras: “É que o modelo deve estar sempre à sua frente. Não se esqueça.”

Já meditamos muitas vezes sobre isto: Cristo deve estar sempre à nossa frente. Devemos ter a sua imagem muito clara diante dos olhos da fé. A tragédia do cristão começa precisamente quando, por tibieza ou pecado, já não O vê com clareza, mas como uma figura borrada, como algo distante e pouco definido. O seu rosto não é então algo conhecido e amado.

Com a alegria ocorre o mesmo que com aquelas plantas de montanhas altas: foram feitas para viver lá em cima. Embaixo, no vale, asfixiam-se. A tristeza nasce precisamente do esquecimento dos grandes horizontes que Deus coloca diante de nós; nasce da queda no poço do egoísmo. Por outro lado, que alegria tão grande poder segui-LO, desfrutar de sua companhia, fazer-lhe perguntas, ouvi-LO... *Estarei sempre convosco...*